

II ENCONTRO NORDESTINO DE BIOGEOGRAFIA Biodiversidade e Sustentabilidade: desafios do novo milênio(1)

Prof. Dr. José Santino de Assis*

Pesquisador do Laboratório de Fitogeografia Aplicada (LABFIT)

Maceió-Alagoas, 2003

Apresentação

As atuais civilizações do sistema planetário terrestre já se aproximaram, com os riscos que a matéria requer, de um perigoso ponto de estrangulamento. Este fato é cada vez mais atribuído de um limiar que, de certa forma, pode ser considerado revolucionário. As formas que foram criadas, ou descobertas, com vistas à sua sobrevivência neste palco que é a superfície terrestre, se nos apresentam neste começo de terceiro milênio como uma espécie de projeto mal concebido que, obviamente, se aproxima de um resultado mal sucedido. A linha demarcatória desse estado em que a humanidade e todo o ecossistema que lhe circunda chegou é mercê das suas próprias ações. Assim como das novas perspectivas de mudanças que se avizinham, ou que já foram iniciadas. É o limiar. A transposição dessa linha demarcatória compreendida pela passagem do segundo para o terceiro milênio se configura como sendo um grande, decisivo e obrigatório salto.

Os conflitos ambientais que estão presidindo esse nosso sistema planetário da atualidade exigem mudanças radicais. As quais podem ser traduzidas através da concepção e da consecutiva aplicação de um novo projeto sustentado por um diferente modelo. Essas mudanças já começaram, mas, como todos os começos, caracterizam-se pela timidez. É preciso revolucionar.

A iminência da catástrofe, aonde todos os seres vivos (**biodiversidade**) chegaram à beira da extinção e todas as superfícies de seus habitats ingressaram no processo de desertificação em todos os níveis já concebidos. Com isso, um novo projeto de gerenciamento ambiental equilibrado (**sustentabilidade**) do planeta terrestre precisa ser instalado. Isso já foi iniciado em vários lugares, em diversas instâncias e em graus multidiferenciados. A metodologia de como ele está sendo operado por essa nova sistemática é que se parece confusa ou ainda um tanto desarticulada. Se, por um lado, ações estão sendo desenvolvidas em todos os quadrantes do globo, de formas mais ou menos individualizadas, em todas as dimensões e diferenciações de áreas. Por outro lado, simultâneas ações globais também estão se desenvolvendo. Esse procedimento seguido, à semelhança do velho sistema dedutivo/indutivo das teorias acadêmicas, pode gerar conflitos no seu ponto máximo. Certamente no momento em que se encontrarem. Mas tem que ser seguido, porque dela dependerá o equilíbrio ambiental desejado. Resta apenas repensar, para harmonizar. Ou para consubstanciar. Ou seja, conceder-lhe a sustentabilidade necessária.

O II Encontro Nordestino de Biogeografia, nessa sua pouco expressiva faixa territorial de atuação, procurou direcionar os seus trabalhos nessa linha. Ao menos no que pode ser considerado no âmbito da esfera do particular para o geral, dentro do princípio de que é preciso fazer algo. Ou no que compete à parcela de responsabilidade de cada um. Tudo no contexto do universo da abordagem expresso nos trabalhos que foram produzidos. Nesse contexto tem-se a sensação de que este objetivo foi alcançado. E, por conseguinte, uma ligeira convicção de que o dever foi cumprido.

(1) Presidente do Encontro. Autor da Apresentação.

*É Geógrafo Doutor em Organização do Espaço. Atuante no Zoneamento e na Análise Geofitoambiental para o Planejamento Territorial.